

O HOMOEROTISMO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA

Karina Mainardes Ferreira¹
Josiane Aparecida Franzó²

Resumo: O presente artigo pretende explorar as contribuições dos autores Paulo Azevedo Chaves e Raimundo de Moraes nos relatos de alguns poemas homoeróticos presentes na coletânea *Análise Interpoética dos Poemas Homoeróticos Escolhidos* os quais, em uma primeira leitura podem ser considerados como dotados de vulgaridade, indecência e obscenidade, mas que, para os autores aqui abordados, significa a busca de uma linguagem visceral. O foco principal de desenvolvimento deste trabalho será a análise literária de alguns dos poemas homoeróticos levando-se em consideração os direitos dos homossexuais que estão sendo amplamente reivindicados e apoiados pelo respaldo legal garantindo-lhes os direitos de livre expressão e ação. Servirá de aporte, também, as vertentes que permeiam os momentos mais íntimos e brutais das relações homoafetivas, o tema da morte, o amor, a fidelidade e a velhice aliada à juventude com suas nuances no que se refere ao ato sexual. Por fim, este artigo tem a pretensão de evidenciar a beleza presente nos poemas escolhidos, justificando a pesquisa como fonte de livre expressão, sob a perspectiva de um discurso interpoético, possibilitando as relações homoeróticas dentro da existência e das validações de uma literatura gay.

Palavras-chave: Homossexualidade. Homoerotismo. Literatura gay.

THE HOMOEROTICISM IN THE HISTORY AND LITERATURE

Abstract: This article aims to explore the contributions of the authors Paulo Azevedo Chaves and Raimundo de Moraes in reports of some homoerotic poems present in Interpoética Analysis collection of homoerotic poems Chosen which, in a first reading is considered to be full of vulgarity, indecency and obscenity, but for the authors discussed here, these mean the seeking of a visceral language. The focus of development of this work will be the literary analysis of some of the homoerotic poems taking into account the rights of homosexuals being widely claimed and supported by legal support granting them the rights of free expression and action. It will serve as a contribution sheds that permeate the most intimate and brutal moments of homoafetiva relations, as well as the theme of death, love, fidelity and old age together with the youth with its nuances with regard to the sexual act. Finally, this article purports to show the beauty present in the selected poems, justifying the research as a source of free expression, from the perspective of inter poetic speech, enabling homoerotic relationships within existence and validation of a gay literature.

¹ Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas da Faculdade Santa Amélia (SECAL), Ponta Grossa, Paraná. karis-mf@hotmail.com

² Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). josiane@secal.edu.br

Keywords: Homoerotic. Homosexuals. Gay literature.

Sumário: 1. Introdução - 2. Contexto histórico dos aspectos homoeróticos: 2.1 A princípio: Safo; 2.2 O homoerotismo na Grécia e Roma - 3. Os poemas homoeróticos - 4. Conclusão - 5. Referências Bibliográficas.

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em uma sociedade onde o livre arbítrio é garantido pela Constituição Federal e direito assegurado, assim, toda e qualquer manifestação é de direito de cada indivíduo que exponha seus anseios, virtudes e escolhas, sendo esse hétero ou homossexual.

Questões como as relacionadas ao contexto da homossexualidade sempre estiveram presentes no decorrer da história da humanidade e, com vista nisso, pretende-se, aqui, observar as relações homoafetivas, bem como analisar algumas poesias que tratem desse assunto. Para tanto, a investigação aqui presente procurará explicitar as questões acima expostas em poemas homoeróticos de Paulo Azevedo Chaves e Raimundo de Moraes presentes no livro *Análise Interpoética dos Poemas Homoeróticos Escolhidos*, como a morte, homossexualidade, amor, fidelidade, juventude e velhice. A escolha se dá por ser a homossexualidade um assunto complexo e ainda considerada por algumas pessoas como tabu, e, ainda que haja movimentos em prol do combate ao preconceito, permanece ainda, a discriminação em torno dos indivíduos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo.

O livro *Análise Interpoética dos Poemas Homoeróticos Escolhidos* foi eleito por trazer à tona aspectos eróticos, demonstrando a extrema relevância do foco dos autores em contribuir com discussões e ensaios que possibilitam fomentar a compreensão para uma sociedade tolerante de preceitos e preconceitos. Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo realizar algumas reflexões sobre a homossexualidade e sua abordagem na Literatura.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DOS ASPECTOS HOMOERÓTICOS

Pode-se afirmar que durante a biografia da humanidade muitas pessoas que demonstram ser homoeróticas foram acuadas, torturadas e mortas. Louis Crompton (1978)³, em seu artigo *Gaygenocide: from Leviticusto Hitler*, faz alusão à falta de registros que tratem do extermínio dos gays, bem como aos escassos relatos desses extermínios. Todavia, conforme Crompton, durante aproximadamente 1.400 anos, diversos homens e mulheres homossexuais, principalmente no Ocidente, foram metodicamente assassinados ou mutilados, e apesar disso, não ocorreu registro notório desse delito:

[...] não existe uma “biografia *gay*” da mesma maneira que aconteceu com os judeus, dos negros, dos índios e de seitas cristãs. “Cronistas heterossexuais são impossibilitados de relatar sobre a temática pela restrição que torna isso em algo que não se pode exprimir e nem descrever por não ser condizente para ser falado entre homens cristãos”. Historiadores *gays*, que de modo correto deveriam possuir consciência para não se esquecer do castigo de seus irmãos e irmãs sendo submerso ao anseio de ser invisível (grifos do autor).⁴

Em sua obra Crompton começa sua exposição desde o *Velho Testamento*, citando o método de penalidade aos sujeitos homossexuais que tinham como destino, a morte. Em seguida o autor refere-se à primeira ordem do Império Romano que penalizava os homens que gostavam de pessoas do mesmo sexo, já em 342 d.C⁵.

O autor esclarece, também, que na Inquisição, que foi implantada na Espanha e em Portugal, muitas pessoas foram assassinadas devido a sua opção sexual. Crompton também relata acontecimentos decorrente dessa perseguição na França e a dificuldade nesse País em encontrar registros dos fatos, bem como, sobre a “caça às bruxas” na Holanda, no ano de 1730, onde seres humanos foram mutilados, estrangulados, entre outros tipos de morte devido à acusação de “sodomia”. Crompton, inclusive, lista alguns nomes de sentenciados, incluindo, em certos acontecimentos, a reação dos mesmos frente à morte. Ele termina seu

³ CROMPTON, L. **Homossexualismo e Civilização**. Harvard University, 1978.

⁴ Ibid., p. 67.

⁵ Ibid.

artigo falando dos campos de concentrações nazistas criados durante a Segunda Grande Guerra Mundial e nos quais muitos homossexuais encontraram seu fim⁶.

Percebe-se que, em relação à homossexualidade ou homoerotismo, segundo o autor, a crítica especializada optou por não dar espaço a esses dois temas, nas obras literárias, ajuizando essa ruptura como não sendo importante apreciação crítica, principalmente em um tempo em que a análise do estudo estava aliada à história do escritor⁷.

Negar o homoerotismo da obra era também negar o desejo homoerótico de seu criador, já que se considerava que esse querer era vinculado a conceitos de doença e crime. Esses conceitos colaboraram consideravelmente para que restrição da crítica literária se fortalecesse.

A história da homossexualidade é, como adverte Daniel Balderston a cicatriz de duas histórias: insistência e espalmação, brilho e negação. Sendo que as formas da espalmação foram tão variadas como o jogo erótico dos poetas com os caçadores de metáforas. Assim, a espalmação não advém do texto, mas de seus leitores, que insistiram em ludibriá-lo de forma a obrigar a sua rebelião a se adaptar aos bons costumes⁸. O autor afirma, também, que o recato em torno da homossexualidade não se origina no texto, mas em uma história que se torna “pudica” diante dele⁹.

Dessa forma, para Crompton, impõe-se uma história de evidências escritas e extintas, proclamadas à meia voz, e cria um sistema no qual a homossexualidade se mantém precisamente no terreno de uma “marca”, de um “rastros” que apenas chega à superfície para ser novamente relegado ao suplementar¹⁰. Além disso, Crompton relata a invisibilidade do homoerotismo nos relatos literários como efeito da ação de leitores críticos que preferiram ignorar o homoerotismo nos textos, em função de estigmas sociais. De acordo com o autor: “Não se faz pertinente isolar o texto em si da homossexualidade que a crítica leu como apêndice”¹¹.

⁶ CROMPTON, L. **Homossexualismo e Civilização**. Harvard University, 1978.

⁷ Idem.

⁸ BALDERSTON, D. **Sex and Sexuality in Latin America**, 1997, p. 56.

⁹ Ibid., p. 57.

¹⁰ CROMPTON, L. **Homossexualismo e Civilização**. Harvard University, 1978, p. 12.

¹¹ Ibid., p. 14.

Para Balderston, deve-se considerar o homoerotismo como um elemento literário importante na história da literatura latino-americana, contudo, desde sempre condenado à invisibilidade pela crítica literária:

[...]: apesar de alguns escritores latino-americanos terem começado a falar da homossexualidade e do desejo homoerótico faz mais de cem anos, [...], e mesmo que tenham aparecido também obras significativas desde os anos setenta até o período em que são mais explícitas no tratamento do tema (às vezes de forma muito transgressora, como nos casos de Perlongher e Lamborghini); no entanto, a história da literatura tem sido extremamente cautelosa e evasiva na hora de chamar as coisas pelo seu nome, assumir com franqueza o conteúdo de alguns textos e analisar o mecanismo do desejo homoerótico (e também do desejo heterossexual) nas letras latino-americanas. Assim existindo um flerte com os “segredos abertos” em um século de textos literários latino-americanos, por outro lado, na produção literária - e ainda mais, na descrição literária - tem existido uma conspiração do silêncio. Senão fosse pela importante obra nos últimos anos de críticos como Oscar Montero, José Quiroga, David William Foster, Jorge Salessi, Claudia Schaefer e - com uma lucidez e uma valentia consideráveis - Sylvia Molloy, estaríamos ainda asfixiados pelo *silêncio de gerações de críticos* sendo estes que estabeleceram forte crítica ao assunto. É importante falar clara e francamente desse material e ensiná-lo nas aulas de Literatura: fazer o que Paulo Freire chamou em uma formulação célebre, uma “pedagogia do oprimido (grifos do autor).”¹²

2.1 O PRINCÍPIO: Safo

Safo ou Psappha, era como assinava esta poetisa no dialeto eoliano¹³. Vale lembrar que muito do que se diz a seu respeito está envolto em lendas, inclusive sobre suas relações com mulheres.

Considerada a maior poetisa lírica da Antiguidade, Safo nasceu em Eresso, Ilha grega de Lesbos, por volta do ano de 612 a.C. Ainda menina mudou-se para Metilene, capital de Lésbia e ativo centro cultural. Já acomodada em Lésbia, ela estudou dança, retórica e poética, estudos esses somente permitidos às mulheres pertencentes à aristocracia. Ela, juntamente com Alceu e outros cidadãos influentes, foi deportada para a cidade de Pirra (também na ilha de Lesbos), acusada de conspiração contra o ditador Pitaco. Necessário dizer que Safo já tomava parte da vida pública, na política e na poesia aos 19 anos¹⁴.

¹² BALDERSTON, D. **Sex and Sexuality in Latin America**, 1997, p. 32-33.

¹³ Vertente da língua Siciliana.

¹⁴ ANTUNES, A. A. **Safo: tudo que restou**. Além Paraíba (MG): interior, 1987, p. 14.

Esse exílio deu-se também porque Pitaco temia-lhe a escrita. Ele, Pitaco, era governante de Metilene, e que prometera mudanças de governo para melhorias dessa sociedade. Com base nessas promessas, comerciantes e cidadãos menos abastados derrubaram a aristocracia, fazendo de Pitaco o ditador, nos moldes do seu contemporâneo e amigo Salón¹⁵.

Tentando a retomada do poder, os aristocratas conspiram, e são novamente derrotados, sendo exilados. Entre eles estava Alceu, poeta que mesclara sua arte com a política, num estilo todo próprio que se diz arcaico.

Conforme Antunes, no primeiro exílio, em Pirra, consta que Alceu tenha enviado a Safo um convite amoroso: “Oh pura safo, de violetas coroada e de suave sorriso, queria dizer-te algo, mas a vergonha me impede”¹⁶. No que Safo respondera-lhe então: “Se teus desejos fossem decentes e nobres e tua língua incapaz de proferir baixeiras, não permitirias que vergonha te nublasse os olhos, dirias claramente aquilo que desejassem”¹⁷. De acordo com o autor, não se sabe se esse sentimento de Alceu teve consequências, mas certo é que ele lhe dedicou muitas odes e serenatas¹⁸.

Ainda conforme Antunes, por volta de 591 a. C., Safo parte para a Sicília e casa-se com um rico comerciante de Andros que, falecendo cedo, deixou-lhe uma rica herança e uma filha de nome Cleis, que a mãe assim definiu: “dourada flor que eu não tocara por toda a Lídia, nem pela formosa Lesbos”¹⁹.

Após cinco anos exilada na Sicília, ela volta para Lesbos, onde logo se torna a líder da sociedade local. Safo era sedutora e não dotada da beleza na concepção da época grega, pois era baixa e magra, olhos e cabelos negros, e de refinada elegância, embora Sócrates a houvesse dominado “a bela viúva”, conforme nos informa Antunes²⁰.

Segundo Antunes, em Metilene, Safo montou uma escola para moças onde lecionaria poesias, dança e músicas. Essa escola foi considerada a primeira “escola de aperfeiçoamento” da História. E, é nela que a poetisa passa a relacionar-se com suas alunas, que eram chamadas de hetairai (amigas) e não de

¹⁵ ANTUNES, A. A. **Safo: tudo que restou**. Além Paraíba (MG): interior, 1987, p. 16.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid., p. 18.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

alunas. Entre essas “amigas” está aquela que viria a tornar-se sua maior amante, Atis, sua favorita e que descrevia sua mestra como vestida em ouro e púrpura, coroada de flores²¹. Contudo, Atis apaixonou-se por um moço e, com ciúmes, Safo dedica-lhe à amada os versos considerados até hoje como um dos mais perfeitos versos líricos de todos os tempos²².

Ventura que iguala os deuses
Em meu conceito desfruta
Quem junto de ti sentada
As doces falas te escuta
Goza teu mago sorrir
Quando imagino em tal gosto
É minha alma um labirinto
Expiram, e a voz nos lábios
Nas veias um fogo sinto
Sinto os ouvidos zunir
Gelado suor me inunda
O corpo se me arrepia
Fogem-me as cores do rosto
Como ao vir da quadra fria
Entra a folha a desmaiar
Respiro à custo, e já cuido
Que se esvai a doce vida!
Arrisquemo-nos a tudo...
Contra uma angústia sofrida
Tudo se deve tentar²³

Diz a lenda que Safo já na idade madura voltou a amar os homens. Sobre isso há duas versões sobre a bissexualidade da poetisa ao voltar a sua atenção e desejo pelo sexo masculino novamente ap. A primeira é a de que apaixonada por um marinheiro chamado Faon e por ele desprezada, suicidou-se pulando ao mar de um rochedo da Leucádia. Na segunda, Safo serenamente resignada com a sua sorte, segundo um manuscrito achado no Egito, recusa um pedido de casamento:

Se meu peito ainda pudesse dar leite e meu ventre frutificasse, iria sem temor para um tálamo. Mas o tempo já gravou demasiadas rugas sobre minha pele e o amor já não alcança mais como o açoitado de suas deliciosas penas.²⁴

²¹ ANTUNES, A. A. **Safo: tudo que restou**. Além Paraíba (MG): interior, 1987.

²² FONTES, J. B. **Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991, p. 21.

²³ FONTES, J. B. **Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991, p. 19.

²⁴ Ibid. p. 34.

De acordo com Antunes (1987), escritos sobreviventes dão Safo como tendo chegado à idade avançada, ainda que não se saiba ao certo como nem quando ela morreu. O que se sabe é que Safo é considerada até hoje por alguns como a maior de todas as poetisas, e suas poesias são tidas como das mais sublimes dentre os escritos gregos que lhe foram contemporâneos e pósteros²⁵.

No entanto, ainda de acordo com Antunes (1987), devido ao conteúdo erótico, sua obra foi censurada na Idade Média por parte dos monges copistas. Em 1073, sua escrita, junto com as de Alceu, foi queimada pela Igreja em Constantinopla, e em Roma no pontificado de Gregório VII. Será somente no final do século XIX que dois arqueólogos ingleses virão a descobrir, por acaso, em Oxorinco, sarcófagos envoltos em tiras de pergaminho, num dos quais eram legíveis uns seiscentos versos de Safo, conforme informa Antunes²⁶.

2.2 O HOMOEROTISMO NA GRÉCIA E ROMA

A prática de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo não é uma exclusividade do mundo moderno. Já na Antiguidade Clássica, em Atenas, os jovens com mais de 12 anos e menos de 18 tinham sua iniciação sexual com homens mais velhos, os denominados erastes (amante). Em Esparta, conhecida por ser uma sociedade especificamente guerreira, a formação de casais de amantes homens era incentivada como parte do treinamento e da disciplina militar. Para a sociedade espartana essas práticas dariam coesão nas tropas. No Império Romano, os homens (durantes os banhos públicos, lugar onde eles se encontravam e mantinham relações sexuais), também praticavam o coito como algo “natural” ou, pelo menos, não repudiado pela sociedade. No entanto, a aversão a homens efeminados já existia na Grécia e Roma e, paradoxalmente, o tabu em torno da passividade sexual masculina também.

Entre os romanos, segundo Paul Veyne (2008), “ser ativo é ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro, ter prazer virilmente ou dar-se servilmente

²⁵ ANTUNES, A. A. **Safo: tudo que restou**. Além Paraíba (MG): interior, 1987.

²⁶ Ibid.

era tudo”, portanto, não havia uma reprovação ao homoerotismo na Roma Antiga, mas sim, a efeminações ao papel passivo²⁷.

Para o autor, a passividade era um dos efeitos da falta de virilidade, a qual era muito valorizada em uma sociedade que não distinguia o comportamento homossexual do heterossexual, mas que prestava uma atenção exagerada a toda atitude que revelava a falta de virilidade, na fala, nos gestos ou no vestuário²⁸.

No mundo Greco-Romano, a guerra era uma presença constante, e possivelmente, a desqualificação do feminino surgiu da inadequação das mulheres na posição de guerreiras. Um comportamento caracterizado como feminino demonstraria, portanto, a fraqueza de um homem, conforme salienta Veyne²⁹.

Informa Veyne que, a princípio, em Roma, o homoerotismo era aceito quando se restringia às relações entre cidadãos que deveriam representar o papel de ativo na relação sexual, e escravos atuando como passivos. Essa relação, através do domínio do sexo, era favorecida pelo escravismo e pelo machismo e não se restringia aos romanos, mas era comum em boa parte dos povos do mediterrâneo. Já o uso de escravos como parceiros sexuais era socialmente aceito³⁰. Ainda discorre Veyne, que a iniciação sexual do romano geralmente ocorria entre os escravos, mulheres ou meninos. Vale ressaltar que, a prática dos homens romanos de terem seus amados, frequentemente entre os escravos da casa, era uma norma socialmente aceita, todavia, a partir do casamento, ela deveria ser abandonada³¹.

3 OS POEMAS HOMOERÓTICOS

Com base no que expomos sobre a homossexualidade e homoerotismo em páginas anteriores, abordaremos a seguir, ainda que rapidamente, algumas temáticas presentes no livro *Análise Interpoética dos Poemas Homoeróticos*

²⁷ VEYNE, P. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 39.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid., p. 39.

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

*Escolhidos*³².

Já no primeiro poema escolhido, percebe-se que a fidelidade é uma constante em obras que tratem das questões homoafetivas, chegando a ser idealizada e posta em primeiro lugar no relacionamento entre pessoas de mesmo sexo, justamente por sua escassez nessas relações.

O poema abaixo traz implicitamente a relação homoafetiva, no qual o eu lírico reduz o desejo de sucesso em decorrência da beleza da permanência da fidelidade de um casal que divide sua existência:

Quando medito na fama conquistada

Quando medito na fama conquistada por heróis e nas vitórias de grandes
generais,
e não invejo os generais,
Nem o presidente em seu cargo, nem o milionário em sua mansão,
Mas quando fico sabendo da fraternidade entre dois amantes, como foi
sua vida em comum,
Como, através dos anos, do perigo, do ódio, juntos sempre,
Eles conviveram na mocidade, na madura e velhice, perseverantes
afeiçoados
E fiéis um ao outro

Outra constante nos poemas homoeróticos é a efemeridade do amor.

Nos fragmentos de poemas abaixo observa-se a percepção da finitude de um relacionamento, a solidão individual.

Em *Colóquio Sentimental* o eu-lírico destaca um cenário escuro, sombrio e frio onde duas pessoas percorrem seu caminho:

Colóquio Sentimental

Num parque solitário e gelado
Um casal caminhava apressado.

Em decorrência desse caminhar apressado, as expressões faciais denotam que o clima é de suspense, o que contribui para que, o que um diz ao outro, não se faça audível:

O olhar era vazio, cada boca, uma cava,
E o que dizem bem mal se escutava.

³² Todos os poemas que aqui serão analisados pertencem à mesma edição dessa obra de Paulo Azevedo Chaves e Raimundo de Moraes (CHAVES, P. A; MORAIS, R. **Poemas Homoeróticos Escolhidos**, Edição Virtual, Pernambuco, 2011).

Tem-se, novamente, o destaque de um cenário sombrio e frio, cenário esse no qual dois vultos caminham apressados no parque relembrando o passado de forma nostálgica:

Num parque solitário e gelado
Dois vultos relembram o passado.

- Lembras-te de nosso amor, amigo?
- Tolice, um caso já tão antigo!

Percebe-se, no trecho logo acima e no que segue abaixo que, pelo menos para um dos indivíduos, nada restou de um sentimento que, segundo se apreende, continha amor e paixão:

- Nada restou da tua paixão?
Nunca pensas em mim? - Não.

Também se percebe, pelo uso do verbo *era*, que está conjugado no passado do indicativo, que esse amor e paixão eram intensos e que a sensação era de pleno gozo, cada beijo uma satisfação cumprida com o parceiro, cada beijo uma descoberta:

- O êxtase era indescritível
A cada beijo, - É possível

Do mesmo modo, no passado, a esperança era de cor clara, viva e alegre assim como o céu:

- O céu era claro, parecia belo o futuro.

Contudo, o futuro reduziu-se a nada, tornando-se escuro, findam-se as esperanças:

- O futuro envileceu, eu sei virou escuro

E, nesse cenário sombrio interior e exteriormente, o casal continua a caminhar imerso, cada um, em suas recordações, tendo como ouvinte apenas a silenciosa noite:

- E assim iam eles pelas aléias, de olhar frio.
E só a noite escutou o que foi dito.

No poema baixo nota-se toda beleza que permeia o relacionamento homoerótico. Quando os corpos se atraem, as almas gêmeas se contemplam, reduzindo o obscuro. Esse amor tem a capacidade de iluminar a vida do eu lírico, assim como o Sol ilumina todos os lugares da Terra, alterando-lhe significativamente:

A vida

Como quando o sol ilumina,
Algum rincão deste mundo,
Redimindo sua pobreza,
Enchendo-o de verdes risos,

Assim tua presença chega
À minha existência obscura
Para exaltá-la, para dar-lhe
Esplendor, prazer, formosura

Entretanto, esse poder de iluminar o que o eu lírico sente emanar do seu amado, de igual modo como o do Sol, desaparece em sua ausência:

Mas tu amado, também te pões,
Assim como o sol, e crescem
A minha volta das sombras
Da solidão, velhice, morte

Vale salientar que, na última frase desse poema tem-se outras temáticas recorrentes na literatura homoerótica: a solidão, velhice e morte.

No poema abaixo, tem-se a percepção de que o amor dos homens idosos constantemente é dotado de delicadeza e sentimentos mais dóceis. Do mesmo modo, nota-se, também, que a tristeza que estes homens idosos carregam não é exclusividade da idade, como observa-se no último verso:

O amor dos homens mais velhos

Eles são sempre tocantes,
em sua tristeza, ternura e ansiedade,
todos, os tristes homens idosos
que um dia foram tristes rapazes.

A presença percebida abaixo do isolamento e desolação que acomete o idoso amante contrasta com a sua esperança de viver novamente uma grande paixão, um novo amor, ou até mesmo uma amizade:

Como não se emocionar
Com seu isolamento e desolação,
seus tênues sonhos e esperanças
De um amor, um novo amor, uma amizade?

Mas a esperança não se encontra apenas na possibilidade do encontro de um novo amor, uma nova paixão, uma nova amizade. Para os homens considerados “pobres e feios”, o desejo reduz-se ao prazer carnal, a um toque, ao calor que um corpo pode proporcionar a outro:

Os mais pobres e feios ainda anseiam
por um calor humano passageiro, um toque,
um aperto de mão, a sensação, o deleite
da nudez de um outro, de sua força e graça
enriquecendo toda aquela pobreza, vazio e morte.

Percebe-se, também, nesse poema, que o termo “amizade” tem um caráter ambíguo. Pode indicar um relacionamento sexual entre dois homens, como pode referir-se simplesmente a uma amizade comum a pessoas de todos os sexos.

Seja que sentido for que o termo tenha sido empregado no poema, será essa amizade comum aos jovens que para o eu lírico deveria ser oferecida aos mais velhos:

Amizade é apenas para os jovens
mas também deveria ser para os velhos.
Os velhos precisam mais de amigos
que os jovens, que os tem em excesso.

A perda dos anos da juventude também é lamentada e o desejo de resgatá-la é presente, assim como a vontade de retorno de suas lembranças:

Distante

se ao menos,
se ao menos me voltasse a lembrança agora
tão distante, tão imprecisa...
Tão pouco restou
dos anos da minha juventude!

Além do tema velhice, o viver intensamente é presença constante nos poemas homoeróticos. Abaixo, o eu lírico expõe que deve-se libertar de todas as formas possíveis, viver intensamente, inebriado de prazer, assim como se inebria de vinho:

Com vinho dizendo que é vinho

Com vinho dizendo que é vinho, enche-me a taça,
Pois beber furtivamente não há quem me faça.
Pobre e maldito é o tempo em que sóbrio fico,
Mas quando trôpego pelo vinho torno-me rico.
Não escondas por temor o nome do amado;
O prazer verdadeiro nunca deve ser ocultado

O encontro passageiro, comum em relações homoafetivas, se faz presente no poema abaixo. Nele, o eu lírico expõe novamente a questão da juventude, porém, com recordações mais precisas, como a descrição da pele do amante, a cor dos olhos, bem como o mês em que o encontro fortuito ocorreu. É preciso dizer que, a imprecisão dessas informações cria uma ambiguidade, uma vez que o encontro pode ter ocorrido em um tempo muito distante:

Uma pele como se fosse jasmim
naquela noite de agosto...Era agosto?
Sim, agora me lembro dos seus olhos...
Eram azuis, suponho...
Sim, de um azul-safira

No poema a seguir a ambiguidade faz-se presente novamente, pois, ao convocar o Amor (destacado com a inicial em maiúscula) para um encontro com um “rude amante grande”, não fica claro quem é o Amor, se é alguém com que o eu lírico tem um relacionamento ou se é ele próprio, carregado de um amor que pode oferecer, que deseja o amante.

O trecho “manchas sombrias” é outra incógnita, pois pode remeter a alguém que esteja com AIDS, pois como sabe-se, mancha na pele é um dos sintomas dessa doença. Contudo, esse sintoma não é exclusividade da AIDS, podendo manifestar-se em decorrência de outras doenças, como a Sífilis.

O encontro fortuito mais uma vez é ansiado pelo eu lírico:

O condenado à morte (fragmento)

Sonhemos juntos, Amor, com algum rude amante
grande como o Universo, no corpo manchas sombrias
Eles nos enrabará em tristes hospedarias
entre suas coxas de ouro, sobre seu ventre fumegante.

A idealização do homem perfeito, descrito acima, como “rude amante grande” é reforçada com os termos “tesudo” e “flanco augusto”:

Um bofe deslumbrante, num arcanjo talhado
tesudo sobre um buquê de jasmim e rosas
Tremulamente deposto por suas mãos luminosas
sobre seu flanco augusto, por teu beijo perturbado.

Por fim, o amor puramente carnal é a temática constante no livro *Análise Interpoética dos Poemas Homoeróticos Escolhidos*, sendo que a partida repentina, mas esperada desse amor é motivo de nostalgia. Fica na boca e no seu corpo a saudade do amante:

Tristeza em minha boca! Amargor inchando,
Inchando esse pobre coração! Os amores perfumados
Adeus, vão partir! Adeus, meus colhões amados.
Oh pica em brasa que corta meu suspiro brando.

4 CONCLUSÃO

Os poemas extraídos e analisados da obra *Análise Interpoética dos Poemas Homoeróticos Escolhidos* de Raimundo de Moraes e Paulo Azevedo Chaves, trazem consigo temas bastante discutidos hoje – homossexualidade e homoerotismo, mas que durante século e séculos foram considerados tabus, sendo essas práticas, muitas vezes, proibidas,

Nessa perspectiva, foram abordados, no presente trabalho, contextos e definições que permeiam o indivíduo homoerótico desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, pautados nos demais assuntos que carregam a ideologia homoerótica, como as reprovações, a religião e a postura de sociedades que impediam o homossexual de reivindicar seus direitos e deveres.

Percebeu-se que algumas sociedades tratavam o homossexual de forma inadmissível e inaceitável e que também eram contra a propagação desse gênero, sendo que, em muitas das vezes, a morte era a única saída para

indivíduos acusados de envolvimento com pessoas do mesmo sexo. Notou-se, também, que existiram outras sociedades que valorizavam e aceitavam naturalmente tais relações, inclusive em rituais.

Os séculos passaram-se, e na Contemporaneidade o indivíduo homossexual se depara com uma sexualidade mais evidente, mas essa mesma sociedade é pautada em uma cultura heteronormativa que em seu bojo traz o preconceito social e rotula o indivíduo que “ousa” transgredir as normas prescritas.

Pode-se dizer que ainda há uma sociedade homofóbica, com uma especificidade de discriminação contra os homossexuais, e, o que motiva o crime ou o preconceito é a rejeição pura e simples da pessoa em razão da sua orientação sexual.

O homem que opta por ser gay, travesti, ou transexual, ou a mulher que opta por ser lésbica, são vistos como indivíduos marginalizados e desequilibrados, desajustados e doentes que precisam ser excluídos do convívio social. Tudo isso, segundo Colin Spencer (1996), reforça uma cultura hermética e machista que desrespeita a pessoa humana e fere o direito e a liberdade de exercer livremente sua sexualidade³³.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, A. A. **Safo: tudo que restou**. Além Paraíba (MG): interior, 1987.

BALDERSTON, D. **Sex and Sexuality in Latin America**, 1997.

CHAVES, P. A; MORAIS, R. **Poemas Homoeróticos Escolhidos**. Edição Virtual: Pernambuco, 2011.

CROMPTON, L. **Homossexualismo e Civilização**. Harvard University, 1978.

FONTES, J. B. **Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

SPENCER, C. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SOUZA, M. M. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura/UMG, 2010.

³³ SPENCER, C. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

VEYNE, P. **Sexo e poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.